

# ELEIÇÕES E PODER LOCAL: AS DISPUTAS EM PINHALZINHO - 1961 A 1992

Waldir José Floss \*

## Introdução

O objetivo principal deste trabalho é analisar as disputas eleitorais em Pinhalzinho, de 1961 a 1992, centrando-se nas eleições para o Executivo, tentando perceber quais as estratégias adotadas nas escolhas dos nomes dos candidatos, como ocorreram as articulações nestas definições, as forças políticas em jogo, os aspectos das campanhas e a organização dos partidos.

A metodologia adotada foi a de pesquisa bibliográfica e a de campo. Para a análise do tema proposto, foi feita uma leitura sobre clientelismo, poder local e voto<sup>1</sup>. Esses elementos teóricos auxiliaram na interpretação dos dados e das entrevistas e serão apresentados no desenvolvimento do trabalho.

O trabalho de campo foi realizado através de entrevistas com eleitores e lideranças políticas do município (ex-prefeitos, candidatos, vereadores) e pesquisa de documentos, como Atas da Câmara de Vereadores, Registros de Diretórios dos Partidos, dados da Prefeitura de Pinhalzinho e material de campanha dos partidos políticos.

## 1. A organização partidária de 1945 a 1992

Com o fim do Estado Novo e a redemocratização do país, a partir de 1945, em Santa Catarina, as lideranças políticas locais começam a se organizar para a criação dos novos partidos políticos.

---

\*Graduado em História pela UNOESC - Campus Chapecó.

1 - Entre os autores que trabalham esses temas destacamos: Victo Nunes LEAL, DROULERS, PALMEIRA.

Segundo CARREIRÃO (1990, p. 38-57), de 1945 a 1964 foram criados os seguintes partidos: PSD (Partido Social Democrático), UDN (União Democrática Nacional), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PSP (Partido Social Progressista), PRP (Partido de Representação Popular), PDC (Partido Democrata Cristão), PL (Partido Libertador) e PCB (Partido Comunista do Brasil).

No oeste do Estado, o município de Chapecó, que é o centro político nesse período na região, exerce uma grande influência sobre a mesma, haja visto que só a partir de 1953 iniciam os desmembramentos do “velho município de Chapecó”, entre eles o município de São Carlos, do qual, no ano de 1961, emancipa-se Pinhalzinho, junto com Modelo e Saudades.

Constata-se que as forças políticas de Chapecó, de 1945 a 1965, estavam concentradas no PSD, PTB e UDN<sup>2</sup>. Já em relação ao período de 1965 a 1992 não há trabalhos realizados sobre a história política chapecoense, ou do oeste de Santa Catarina.

Depois do golpe militar de 64, são extintos os partidos políticos existentes, através do Ato Institucional nº 2, de 27-10-1965 e criados apenas dois: ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento Democrático Brasileiro), surgindo assim o bipartidarismo que vigora até 1979 (CARREIRÃO, 1990, p. 88).

Os dois partidos do pós-64 ficaram divididos em um grupo situacionista, de forças conservadoras, apoiava o Regime Militar, que era a ARENA. O outro grupo, da chamada “oposição consentida”, era formado por forças mais “progressistas” e populares, agregaram-se ao MDB. As principais lideranças dos emedebistas são, na sua maioria, oriundas do PTB, entre elas, Doutel de Andrade, Paulo Macarini, Genir Destri, Dejandir Dalpasqualle, Pedro Ivo Campos, Manoel Dias, Walmor Oliveira e Evelásio Vieira. A ARENA, que se formou principalmente dos partidos majoritários, UDN e PSD, tinha como principais lideranças as tradicionais famílias Ramos, Konder e Bornhausen, Atilio Fontana, Wilmar Dallanhol, João Linhares,

---

2 - Para maiores esclarecimentos consultar o trabalho de HASS, que consta nesta edição.

Adhemar Guisi, entre outros (Idem CARREIRÃO, 1990).

Diante da eminente perda do controle do processo eleitoral, em função do crescimento do MDB, o governo militar, com o objetivo de fragmentar a oposição instaura o pluripartidarismo através da Emenda Constitucional nº 11 de 13-10-78, que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1979 (LENZI, 1983, p. 382). Como sucessor da ARENA surge o PDS (Partido Democrático Social) e do MDB, o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Na ocasião surgiram ainda o PDT (Partido Democrático Trabalhista), o PT (Partido dos Trabalhadores), o PP (Partido Popular) e o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro).

Com o fim da ditadura militar e instalação da Nova República no início da década de 80, ocorrem novas mudanças na legislação partidária com a instauração da liberdade partidária, permitindo a legalização de partidos antes clandestinos, como o Partido Comunista (DINIZ, p. 329).

## **2. Breve histórico de Pinhalzinho**

O município de Pinhalzinho está situado em numa região, onde ocorreu uma política de colonização, através de Companhias Colonizadoras, contribuindo para a sua rápida ocupação (WERLANG, 1995).

Pinhalzinho fazia parte da área de terra adquirida pela Companhia Territorial Sul Brasil e também da Companhia Colonizadora Bertaso. Quando da chegada destas na região, no ano de 1924, já havia alguns caboclos habitando estas matas. Próximo ao Salto do Lajeado Bonito, hoje Linha Volta Grande, morava um caboclo conhecido como Porfírio Alves dos Santos, que era um de seus líderes.

Em 1927 era fundada a localidade de São Carlos, e alguns colonizadores seguiram caminho em direção ao local onde hoje situa-se Saudades, e mais tarde chegaram até Pinhalzinho. Emanuel Klauck, que era o representante da Companhia Sul Brasil, e morava em Selbach(RS), fazia propaganda sobre as terras de São Carlos. No ano de 1931, juntamente com José Marcolino Eckert e Frederico Schneider, vieram à procura de um denso pinhal. Ao chegarem onde hoje localiza-

se Pinhalzinho, adquiriram 16 colônias de terras. Dois anos mais tarde, em 1933, esses três, juntamente com Frederico Hansen, instalaram uma serraria, atraindo com isso mais alguns amigos. Na época esse lugar era conhecido como Linha Anta Gorda.

São Carlos, que havia iniciado a colonização mais cedo, emancipa-se de Chapecó no ano de 1954. Dois anos depois, em 1956, Pinhalzinho passa a ser Distrito de São Carlos, tendo como sub-prefeito o Sr. Fredolino Lang. A elevação a Distrito motiva ainda mais a chegada de novas famílias do Rio Grande do Sul, principalmente alemães e italianos.

Com o rápido crescimento que Pinhalzinho teve e por já possuir uma certa infra-estrutura para as condições da época, no dia 07 de dezembro de 1961 é desmembrado de São Carlos e elevado à categoria de município.

A instalação do município de Pinhalzinho ocorreu no dia 30 de dezembro de 1961. Nesta mesma data também são criados os municípios de Saudades e Modelo, que foram como Pinhalzinho, desmembrados de São Carlos.

### **3. As disputas pelo poder político em Pinhalzinho (1961/1992)**

Para compreender melhor as disputas pelo poder político em Pinhalzinho, desde a sua emancipação em 1961 até as eleições de 1992, será feita uma análise das disputas eleitorais durante esse período, dando-se ênfase aos pleitos do executivo, para procurar entender quais são as questões em jogo nesses processos.

#### *3.1. O Governo Provisório (1961) e a primeira eleição municipal (1963)*

Com a emancipação política e administrativa de Pinhalzinho começam as articulações políticas para a escolha do nome de seu primeiro prefeito provisório, que seria nomeado pelo Governo do Estado. A partir desse momento, percebe-se a articulação existente

entre o poder local e o poder estadual<sup>3</sup>, e o interesse deste em comandar o processo de escolha do primeiro prefeito, haja visto que o aval final seria dado pelo Governador do Estado.

Na ocasião foi nomeado Guilherme Edgar Werlang, pelo então Governador do Estado Celso Ramos, que era pertencente ao PSD (Partido Social Democrático), mesmo partido de Werlang, que assume no dia 30 de dezembro de 1961. A nomeação em Pinhalzinho ocorreu sem muitos problemas, conforme podemos perceber no depoimento do ex-prefeito:

“O Diretório de São Carlos já havia escolhido e orientado o meu nome para a nomeação. A diretoria do PSD de São Carlos veio para cá (Pinhalzinho), discutir com nós, e juntamente com o pessoal de Pinhalzinho decidiram por unanimidade o meu nome para Prefeito interino nomeado<sup>4</sup>.”

“O Governador se confiou na turma’. Ele me conhecia bem, já tinha até pousado em minha casa, em tempos de campanhas anteriores. Eu tinha Hotel e funcionava também a Agência do Correio<sup>5</sup>.”

A nomeação era feita com a participação do Partido (no caso o PSD), que tinha um Diretório em São Carlos e um sub-diretório organizado em Pinhalzinho, do qual Werlang era vice-presidente.

Segundo o ex-prefeito Guilherme E. Werlang, havia na época também outros partidos organizados em Pinhalzinho, que eram a UDN (União Democrática Nacional), sendo as suas lideranças, Jorge Francisco da Silva, Arno Bremm e Alfredo Deufel e o PRP (Partido de Representação Popular), que tem entre suas lideranças Eugênio Hansen, Beno Rempell e Lorenço Floss.

---

3 - Sobre a ligação entre o poder local e estadual ver LEAL, Victor Nunes, "Coronelismo, Enxada e Voto". São Paulo : Alfa-Omega, 1986.

4 - Entrevista concedida por Guilherme Edgar Werlang ao autor no dia 30/10/94, em Pinhalzinho-SC.

5 - Idem op. cit.

“Tinha ainda alguns petebistas, porém sem sub-diretório organizado, e se não me engano um deles era o Carvalho Bertote da Silva<sup>6</sup>.”

Pelo depoimento do ex-prefeito, pode-se constatar que houve, sem dúvida, uma decisão política e partidária na hora da nomeação pelo Governador, tendo em vista que, mesmo no início de sua emancipação, Pinhalzinho já possuía várias “facções” ou tendências políticas e a favorecida foi a que pertencia a mesma sigla do Governador do Estado (PSD), partido hegemônico na região oeste (município de Chapecó).

Werlang assume a Prefeitura praticamente sem recursos. A partir daí já se consegue perceber a influência de políticos estaduais na região, mesmo sendo esta distante do centro das decisões políticas e composta por pequenos municípios, que apenas iniciavam administrativamente. Esta influência é percebida no depoimento a seguir:

“A gente pegou essa coisa sem dinheiro e sem nada. O Konder Reis era candidato a Deputado Estadual, e havia prometido um conjunto gerador de energia. Ele enviou o gerador para São Carlos, que instalou lá. Nós recolhemos os impostos e negociamos as dívidas com São Carlos pelo gerador que seria nosso.”<sup>(7)</sup>

Dentro de seu mandato, que foi de apenas um ano, já iniciam as articulações para a definição do nome que o sucederia. Este seria o primeiro prefeito eleito de Pinhalzinho.

“Eu reuni a turma da UDN com o PSD e o PRP, e daí eles me pediram para eu indicar um nome. Eu sugeri o nome do Bruno Weber por ser um nome mais neutro, e ele foi aceito pelos três partidos, saindo como candidato único, na primeira eleição do município. O Bruno no fundo

---

6 - Idem.

7 - Entrevista com Guilherme Edgar Werlang, op. cit.

era mais PRP, mas filiou-se no PSD para concorrer.”(8)

Nota-se assim a influência do Prefeito na escolha do seu sucessor(9). Há também uma tendência inicial da política pinhalense de escolha de nomes de consenso, para evitar maiores disputas. Porém percebe-se a força do PSD, já que que o candidato se filiou a esse partido.

O primeiro prefeito eleito de Pinhalzinho, José Bruno Weber, assume juntamente com a primeira legislatura da Câmara de Vereadores, no dia 31/01/63.

A Câmara de Vereadores de Pinhalzinho ficou assim composta: UDN - 4 Vereadores (Alfredo Deufel, José Royer, Arnildo Schiel e Pedro Biesdorf) ; PSD - 2 Vereadores (José Theobaldo Utzig e Tranquilo Farneda) e PRP - 1 Vereador ( Egon Floss) (10).

Através do quadro da Câmara de Vereadores acima, nota-se que no início da vida política pinhalense, os partidos hegemônicos eram o PSD e a UDN. O primeiro elege o prefeito, e o segundo consegue a maioria no legislativo municipal.

Durante o mandato de Bruno Weber ocorrem acontecimentos políticos que influenciam na sua sucessão. Em outubro de 1965, se dá o fim do pluripartidarismo e o Governo Militar cria através de decreto dois partidos. A ARENA que apóia o governo e o MDB que formaria a chamada “oposição consentida”. Os Vereadores de Pinhalzinho, com essa mudança, entram todos na ARENA.

No ano de 1966 acontecem as novas eleições para vereadores, nas quais a ARENA elege seis vereadores (Ary Fiorini, Adahil de Jesus da Silva, Arnildo Schiell, José Royer, Alexandre Grando e Edmundo Lauro Schmitz) e apenas um pelo MDB (Gabriel Schaff), que assumem em 31/01/1967 (11).

No final de 1967, Bruno tinha completado os seus cinco anos de

---

8 - Idem.

9 - A respeito, ler o trabalho de Edison Nunes, 1990.

10 - Dados Históricos do Município de Pinhalzinho, 1994.

11 - Idem.

mandato para os quais foi eleito. Ocorre, então, no Governo Militar do Presidente Castelo Branco, a prorrogação do mandato de prefeito por um ano. O prefeito não aceita a prorrogação de seu mandato e além disso enfrenta sérios problemas de saúde, que o levam a renunciar ao cargo.

“No fim de 67, eu havia concluído os meus cinco anos de mandato, e não aceitei a prorrogação do mandato, feita por Castelo Branco, e também por motivos de saúde e aí desliguei-me do cargo.<sup>12</sup>”

Para completar o mandato de Bruno Weber, deveria ser escolhido um vereador que exerceria um “mandato tampão” por um período de um ano. Começa então uma disputa e articulação entre os “grupos” políticos da época, ocasião em que o então Presidente da Câmara de Vereadores, Gabriel Schaff (MDB), tem um papel importante. Entre os grupos políticos existentes na época, havia a facção do Jorge Francisco da Silva e dos Fiorini, todos pertencentes à ARENA, que era o partido majoritário. Esta disputa fica clara na fala do então Presidente da Câmara:

“O Royer queria ser Prefeito dizendo que o Jorge da Silva queria. O Ary Fiorini queria ser Prefeito em nome do Avelino (Fiorini). Aí eu falei pra eles, pra não dar briga entre as duas ‘panelas’, as partes do Jorge da Silva e a parte dos Fiorini. O Adahil também estava interessado, mas eu aconselhei ele. Eles diriam como foram botar o único negrinho na Prefeitura. Aí surgiu o nome do Grando, por ser uma pessoa neutra, e foi eleito com a unanimidade dos vereadores (7 votos).<sup>13</sup>”

Uma curiosidade interessante é que na época da escolha do Prefeito-Tampão, o único vereador oposicionista era exatamente o

---

12 - Entrevista do autor com Bruno Weber, no dia 22/10/94, Pinhalzinho-SC.

13 - Entrevista do autor, no dia 22/10/94, Pinhalzinho - SC.



Presidente da Câmara, o Sr. Gabriel Schaff, pertencente ao MDB. Os outros seis vereadores eram todos da ARENA. Mas mesmo assim Gabriel conseguiu articular a escolha do vereador Alexandre Grando (ARENA) para prefeito, que iria completar o mandato prorrogado de Bruno Weber. Com a eleição de Alexandre Grando, o Gabriel como Presidente da Câmara, consegue influenciar na gestão do mesmo.

### *3.2. A eleição de 68: vitória do MDB*

A sucessão de Alexandre Grando foi muito disputada e começa a mostrar algumas dissidências dentro da própria ARENA, dando como consequência maior espaço para o crescimento da oposição em Pinhalzinho, através do MDB.

Pela ARENA havia os nomes: Lori da Silva, Avelino Fiorini, Alfredo Deufel e Adahil da Silva que disputavam a vaga para candidato a Prefeito e vice-prefeito. Devido à disputa interna pela escolha dos nomes, acabou acontecendo um “racha” na ARENA. O Adahil e o Deufel, descontentes pela forma da escolha dos nomes, acabam entrando no MDB na última hora, sendo que o Deufel vai como candidato a vice-prefeito, na chapa encabeçada pelo pemedebista Gabriel Schaff. Na entrevista com Adahil da Silva, pode-se constatar a disputa que havia na ARENA:

“Os nomes da época era pra sair eu e o Lori da Silva. Eu tinha a meu favor o Werlang (Edgar), o Deufel, o Rubim. O próprio Bruno não queria o Avelino e o Lori. O Deufel também podia ser candidato. E aí o partido fez várias reuniões, e quando tava junto esse pessoal do Deufel, Werlang e outros, que não fechavam com o Lori e o Avelino, eles fizeram meio na escura, meio tipo ditador, essa chapa Lori e Avelino. Aí o MDB veio procurar esse pessoal, eu, o Deufel, o Guilherme Werlang, o Avelino Utzig e o Grando, e esse pessoal fez campanha pro Gabriel. Aí esse pessoal do MDB me chamou para eu entrar no MDB. (14)”

Com essa divisão da ARENA o nome do Gabriel Schaff (MDB)

---

14 - Entrevista ao autor no dia 05/11/94, Pinhalzinho-SC.

começa a ser articulado na última hora como candidato a Prefeito.

“No último dia de registrar a candidatura, e depois de muita pressão, eu acabei aceitando. Houve até pressão do MDB de Chapecó, do Estado, o Sadi De Marco, o Paulo Macarini, para eu ser candidato. O meu Vice era pra ser o Adahil, mas por pressão de seu sócio Avelino Fiorini, não aceitou e aí foi escolhido o Deufel.(15)”

Houve até a participação do Padre Otto, vigário da Paróquia na época, na articulação da chapa do Gabriel, segundo Adahil da Silva:

“Eu fui convocado um dia bem cedo para ir no Gabriel, e estava junto com o Padre Otto, pra eu ser candidato a vice do Gabriel. Aí veio a pressão sobre mim, (...) o pessoal do Avelino, (...) e acabei desistindo (16)”

O Padre Otto “fechava” mais com as forças políticas da ARENA, porém por sua relação com o Gabriel e devido a um pedido deste de que não influenciasse na eleição, ele não participou da mesma.

A ARENA já tinha as suas candidaturas definidas, que eram o Lori da Silva e o Avelino Fiorini. Enquanto isso, a oposição com o MDB, encontrava sérias dificuldades para compor uma chapa, tanto que ela só foi definida no último dia do prazo legal de inscrição. Isso fez com que a ARENA se acomodasse, acreditando que a eleição já estaria definida, segundo depoimento do ex-prefeito Bruno Weber:

“O Lori e o Avelino ficavam em casa e diziam que a eleição tava ganha. O Gabriel teve o apoio do antigo vereador Adahil, que era da ARENA, o vice Deufel que saiu da ARENA e foi pro MDB pra ser candidato. O

---

15 - Entrevista do autor com Gabriel Schaff, op. cit.

16 - Entrevista com Adahil da Silva, op. cit.

Grando, não saiu da ARENA, mas apoiou Gabriel (17).”

O MDB aproveitou-se das divergências da ARENA, conseguindo importantes apoios ao Gabriel. Alguns até que se filiaram, como é o caso do Deufel, que saiu candidato a vice-prefeito.

No mandato tampão do Grando, o Gabriel como Presidente da Câmara, conseguiu influenciar sobre sua gestão, tirando proveitos políticos. Além disso, o fato de ser farmacêutico (exercendo às vezes o papel de médico) também contribuiu muito para a sua eleição, pois ele atendia a todos que o procurassem, sem distinção<sup>18</sup>. Já para Bruno Weber, “... o Gabriel venceu as eleições em cima de promessas<sup>19</sup>”.

Assim entre esses fatores citados e uma campanha de visitas e conversas com agricultores e moradores da cidade, o MDB consegue chegar ao poder em Pinhalzinho, quando nem eles mesmos acreditavam, derrotando tradicionais “grupos políticos”, ligados principalmente ao Jorge da Silva e aos Fiorini.

“Depois do resultado, quando eu ganhei, o Jorge da Silva dizia, meus amigos me traíram’. Muitos de meus adversários traziam dinheiro para a campanha a meia-noite, para não se identificar<sup>(20)</sup>.”

No dia 31/01/1969, Gabriel Schaff assume a Prefeitura de Pinhalzinho. No final desse mesmo ano, ocorrem as eleições para vereador, e o prefeito consegue convencer os seus companheiros do MDB a não participarem dessas eleições, alegando não necessitar de vereadores de seu partido para governar. São eleitos assim sete vereadores da ARENA (Evaldo Hermes, Idacir Grando, Carvalho

17 - Entrevista com Bruno Weber, op. cit.

18 - A função do médico em comunidades do interior e sua importância política, sua relação clientelista é trabalhada por LEAL (1985).

19 - Entrevista com Bruno Weber, op. cit.

20 - Entrevista com Gabriel Schaff, op. cit.

Bertote da Silva, Lorenço Aluizio Floss, Ary Fiorini, Pedro Biesdorf e Claudio Utzig), que assumem em 31/01/1970<sup>21</sup>.

### 3.3. *A eleição com candidato único de 72*

No mandato do Gabriel Schaff havia acontecido um fato político importante, quando no final do primeiro ano diante da Prefeitura, em 1969, ele convenceu seus colegas do MDB para não lançarem candidatos a vereador, o que acabou acontecendo, apesar de alguns protestos no partido. Assim ele completa o seu mandato de Prefeito, tendo na Câmara todos os vereadores da oposição (ARENA).

No encaminhamento do processo da sua sucessão, o mesmo novamente vem com uma proposta que movimentava os meios políticos pinhalenses e principalmente o MDB. Sua proposta era a de lançar um candidato único, apoiado pela ARENA e pelo MDB.

Pelo lado do MDB, os nomes mais sondados eram: Ireno Matte, Alfredo Deufel, Claudino Stefani e Adahil da Silva. Na ARENA, os nomes mais citados eram: Alexandre Grando, Paulo Junqueira da Silva e Carlito Kleinschmidt.

A proposta de candidatura única do Gabriel Schaff não agradou muito o MDB, pois um dos candidatos da ARENA, o Paulo Junqueira, era o nome preferido do Gabriel, conforme afirma Adahil da Silva:

“O Paulo Junqueira parava na casa dele e era muito ligado a ele, e o Gabriel queria que ele fosse o candidato único. Depois de muita briga, fomos fazer uma pré-convenção, através de um acordo com o MDB e a ARENA, e foi escolhido o Grando com mais voto. E aí eles enganaram nós de novo. Eles foram pra cima do Grando e convenceram ele pra ser vice, e prometeram que ele ia trabalhar na Prefeitura, e o Grando aceitou ser vice do Paulo<sup>22</sup>.”

A alegação do Gabriel para a candidatura única era a de unir o

21 - Atas da Câmara de Vereadores de Pinhalzinho.

22 - Entrevista com Adahil da Silva, op. cit.

município em favor do seu crescimento. Depois de muitas discussões, são definidos os nomes de Paulo Junqueira da Silva para Prefeito e Alexandre Grando de vice, sendo os dois pertencentes à ARENA.

O MDB aceitou a candidatura única, depois de muitas divergências, porém exigia participar das eleições para vereador, tendo em vista que na eleição anterior não havia participado, como notamos na entrevista de Adahil da Silva:

“Nós concordamos em aceitar candidatura única, mas queríamos lançar vereador pelo MDB. Elegemos eu, o Stefani e o Ireno. A discordância para Prefeitura era tanta, que quase que o Paulo Junqueira não consegue a maioria<sup>23</sup>.”

Junqueira trabalhou cinco anos como agrônomo da ACARESC e manteve um contato direto com os agricultores, o que fortaleceu o seu nome diante destes.

“A gente meio que revolucionou a agricultura da região. Esse trabalho repercutiu bem diante dos agricultores. Era trabalhado para melhorar a produtividade. Foi iniciado a Cooperativa. As lideranças da época se reuniram, e disseram, você vai ser o nosso candidato’. Na época o interior tinha mais voto do que a cidade<sup>24</sup>.”

A campanha após a definição da candidatura única não foi disputada, e sim feita através de reuniões com a comunidade, para a elaboração de um plano de trabalho, segundo o ex-prefeito Paulo Junqueira:

“Não teve campanha de disputa. Foi feito um plano de trabalho. Discuti

---

23 - Idem.

24 - Entrevista do autor com Paulo Junqueira da Silva, no dia 04/11/94, Pinhalzinho-SC.

com o Gabriel, com outras lideranças. Foi também discutido com a comunidade, para ver quais eram as necessidades, e em cima disso foi elaborado a proposta de trabalho<sup>25</sup>.”

Pinhalzinho era um pequeno município, mas, apesar disso, já havia várias reivindicações da comunidade. A seguir podemos ver, através do depoimento de Junqueira, os problemas de uma Administração municipal e também a sua visão em relação à administração do Gabriel:

“No segundo ano de meu mandato eu resolvi contratar uma equipe para elaborar o Plano Diretor. Quando eu fui convidado, eu não achei que era tão complicado administrar um município.(...) o Gabriel fazia cada uma. Ele seria um Prefeito para São Paulo<sup>26</sup>.”

Assim, acontece mais uma “disputa” política em Pinhalzinho, na qual mais uma vez teve grande influência a pessoa do Gabriel Schaff. Havia setores da ARENA que diziam que ele teria apoiado a candidatura única, por saber que o MDB não alcançaria a vitória, devido a sua má administração e o não cumprimento das promessas de campanha.

Schaff torna-se uma figura política muito “polêmica”, que é ao mesmo tempo respeitada por alguns e desacreditada por outros, tanto dentro do MDB, como na ARENA e na sociedade como um todo.

A partir das eleições de Paulo Junqueira da Silva, começam a coincidir as eleições de vereador e Prefeito. Assim, juntamente com o pleito eleitoral de 1972 para Prefeito, aconteceu também para vereadores, na qual a ARENA consegue a maioria, elegendo quatro vereadores (José Bruno Weber, Claudio Utzig, Neuro Isidoro Bugnotto e Selvino Frozza) e o MDB elege três (Ireno José Matte, Claudino Stefani e Adahil da Silva) que assumem no dia 31/01/1973<sup>27</sup>.

---

25 - Idem.

26 - Idem.

27 - Informações Boletim da Prefeitura Municipal de Pinhalzinho, 1994, op. cit.

### 3.4. A disputa de 1976

As bases do MDB não aceitaram com bons olhos a eleição de candidato único de 1972, Paulo Junqueira da Silva. Durante o mandato do Paulo, isso ficou evidente, quando os vereadores do MDB fazem oposição ao seu governo. Isso é um sinal de que dificilmente haveria um novo acordo entre MDB e ARENA para a sucessão do Junqueira, como podemos ver na fala do então vereador Adahil da Silva. “O Paulo Junqueira fez um péssimo governo, e nós fazíamos oposição ao Paulo<sup>28</sup>”.

Como a possibilidade de um novo acordo fica descartada, iniciam-se no final do mandato do Paulo Junqueira, em 76, as articulações para definições de nomes da sua sucessão, tanto na ARENA como no MDB.

Na ARENA, a discussão de nomes ocorreu sem muitas disputas, na qual o prefeito Paulo não teve muita participação, sendo estas articulações realizadas pelas lideranças arenistas da época, como relata o ex-prefeito Paulo Junqueira da Silva:

“Nós fizemos reunião, mas eu não participei muito. Naquela época era mais em função do partido. Era o Jorge, o Avelino, o Ari Fiorini, o Oppelt, o Neto, o Darci Werlang. Dentro do partido não houve muita disputa, era meio de consenso<sup>29</sup>”.

A ARENA começa então a estruturar os seus nomes para a disputa. Um nome forte que surge é o de Neuro Isidoro Bugnotto, empresário do ramo madeireiro e nova liderança política, bem aceito pela população, por ser uma pessoa simples e muito popular. Outra liderança nova da ARENA era o professor José Wolschick Neto, conhecido como Neto, que inicialmente havia sido convidado para ser

28 - Entrevista com Adahil da Silva, op. cit.

29 - Entrevista com Paulo Junqueira da Silva, op. cit.

candidato a vereador, mas depois acaba sendo candidato a vice-Prefeito na chapa do Neuro.

“Eu era coordenador local de educação, e o Bruno Weber me convidou para ser candidato a vereador. Quando chegou mais perto das eleições, ele me procurou de novo e me pediu para ser candidato a vice, na candidatura do Neuro<sup>30</sup>.”

Na época era permitido o lançamento de mais de uma chapa para concorrer por uma legenda ou partido, e a ARENA, numa estratégia inteligente, define-se por duas chapas, sendo uma formada pelo Neuro Bugnotto e o Neto, e a outra pelos ex-prefeitos Alexandre Grandó e Bruno Weber. Assim a ARENA vai fortalecida para a eleição, mesclando novas lideranças políticas com políticos mais antigos. As chapas ficam conhecidas como dos “novos” e dos “velhos”.

A coordenação burocrática da campanha da ARENA ficou ao encargo do candidato a vice-prefeito, professor Neto, e já foi feito um acordo prévio entre as duas chapas, que qualquer uma que fosse vitoriosa, ele assumiria o papel de assessor de administração da Prefeitura.

A campanha na época era feita sem muitas condições, com carro de som convidando para as reuniões e comícios, que eram realizados nos salões das comunidades do interior e na cidade. Não havia nem microfone para falar.

Por parte do MDB, que ficou meio desestruturado com aquela candidatura única que havia apoiado na eleição de 72 e estava com a credibilidade não muito boa perante a população, havia dificuldades para a definição de nomes para enfrentar a ARENA, que vinha com candidaturas fortes.

De outro lado, na década de 70, havia muito perseguição às lideranças do MDB, que faziam oposição ao Regime Militar, e em Pinhalzinho, como podemos ver no depoimento a seguir, também

---

30 - Entrevista do autor com José Wolschick Neto, no dia 22/10/94, Pinhalzinho-SC.



ocorria essa situação.

“Naquela época havia perseguição às pessoas do MDB, aos micro-empresários. Mandavam até fiscais nas nossas firmas, para amedrontar. Depois da escolha dos candidatos, muitos não queriam ser candidatos, por medo de perseguições e por acharem que não teriam chances<sup>31</sup>.”

Apesar de todos os problemas, e com poucas perspectivas de vitória, por não possuir nomes fortes para disputar as eleições, o MDB também lança duas chapas, que eram formadas por Ireno Matte e Edinor Orth e a outra com os nomes de Alfredo Deufel e Theobaldo Luersen Filho, que é conhecido como “Baratinha”.

Ireno Matte era industrial, enquanto que o seu vice Edinor Orth, agricultor da Linha São Paulo. A outra chapa do MDB era formada pelo Alfredo Mateus Deufel, que era dentista “prático” e o seu vice “Baratinha”, comerciante.

As dificuldades do MDB eram sérias, como podemos analisar a partir das declarações de Ireno Matte:

“Aceitei a candidatura para resgatar a credibilidade do MDB, mesmo sabendo das poucas chances de vencer. O MDB tinha perdido a credibilidade depois da candidatura única da eleição anterior, através do Paulo Junqueira. Nós tivemos também um apoio dos companheiros do MDB de Chapecó, o Destri, o Sadi De Marco, o Libardoni que era Deputado Federal e o Casildo. O maior incentivador na época era o Casildo. No final da campanha, eu acabava assumindo as despesas de campanha<sup>32</sup>.”

Percebe-se, neste depoimento, a fragilidade do MDB de Pinhalzinho neste momento e também que as lideranças emedebistas

---

31 - Entrevista do autor com Ireno José Matte, no dia 30/10/94, Pinhalzinho-SC.

32 - Idem.

de Chapecó estavam presentes no momento da campanha para dar o seu apoio.

O partido tinha problemas pelo fato de possuir poucas pessoas, empresários e comerciantes que pudessem contribuir financeiramente para a campanha. Dentro destas circunstâncias, o que já era previsível se confirma com o resultado das eleições, ou seja, a derrota do MDB.

A ARENA vence as eleições com uma margem significativa de votos de diferença, com a chapa Neuro-Neto. Os arenistas mostram a sua força e continuam no poder através de Neuro Isidoro Bugnotto, que tinha sido vereador na gestão anterior e ocupado o cargo de Presidente da Câmara nos últimos dois anos de mandato (75 e 76). Para a Câmara de vereadores também ficou evidente a superioridade do partido, que consegue eleger cinco vereadores (Ivo Maldaner, Darci Fiorini, Artemio Dall Agnol, Hélio Marion Zanella e Darci Werlang), ficando apenas duas vagas para o MDB (Nair Simon Stroher e Valdomiro Otovicz)<sup>33</sup>.

A disputa na ARENA foi mais acirrada para vereadores do que na eleição para Prefeito, segundo afirma o então candidato a vice-prefeito, professor Neto:

“Para Prefeito não houve conflitos na legenda da ARENA, mas para vereador houve uns ‘pegas’ pela disputa a vereador, dentro da ARENA<sup>34</sup>.”

### 3.5. *Acirra-se a disputa em 82*

Neuro Bugnotto, que havia assumido a Prefeitura no início de 77, consegue completar apenas a metade de seu mandato, pois, por motivos de doença, vem a falecer em janeiro de 1980. Assume o seu

33 - Informações Boletim Informativo Prefeitura Municipal de Pinhalzinho, 1994, op. cit.

34 - Entrevista com José Wilschick Newto, op. cit.

vice, José Wolschick Neto, que na época era do PDS. Em 1979 havia acontecido a reforma partidária, com o fim do bipartidarismo e o surgimento novamente do pluripartidarismo.

Em 79 é criado em Pinhalzinho o PDT (Partido Democrático Trabalhista), tendo a sua frente as pessoas de Arno Guth e Loreno Jacinto Lazzaroto, entre outros<sup>35</sup>.

Entre os partidos majoritários da época em Pinhalzinho, não acontecem muitas mudanças, pois, na grande maioria dos casos, quem pertencia à ARENA passa a fazer parte do PDS (Partido Democrático Social) e do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), os que eram filiados ao MDB.

No último ano do mandato do Neto, em 1982, começam as articulações para definições de nomes em todos os partidos.

No PDS, que estava no poder, os nomes que surgem são os de Darci Fiorini, comerciante, então vereador, que tinha sido também Presidente da Câmara. Outra liderança nova que aparece como candidato é Clênio Razera, que trabalhava como contador na Prefeitura e tinha um significativo apoio dos jovens. Contribuía ainda o fato dele ser uma pessoa muito ligada ao esporte do município.

Nessa eleição, havia ainda a possibilidade de lançar mais de uma chapa por partido, que era chamada de “sub-legenda”.

A formação das chapas do Partido Democrático Social aconteceu sem muitos problemas, sendo lançadas duas. Uma formada por Darci Fiorini e Valério Braun de vice e a outra composta por Clênio Razera e Darci Werlang de vice. Havia no PDS duas alas que disputavam a hegemonia, como percebemos no depoimento do ex-prefeito Darci Fiorini:

“Na época havia duas alas no PDS, uma liderada por mim, os Bugnotto e a outra do Clênio, que era apoiada pelo pessoal da Prefeitura, inclusive o prefeito Neto<sup>36</sup>.”

35 - Entrevista realizada pelo autor com Loreno Lazzaroto, no dia 23/10/94, Pinhalzinho-SC.

36 - Entrevista do autor com Darci Fiorini, no dia 03/11/94, Pinhalzinho-SC.

O PDS outra vez, como em eleições anteriores, lança mão de duas fortes chapas para disputar a Prefeitura, sendo uma representante das suas forças políticas mais tradicionais, através do Darci Fiorini, e a outra com Clênio, das suas lideranças políticas mais novas. Esta estratégia já tinha dado certo na eleição de 76, do Neuro Bugnotto.

O Prefeito Neto também teve participação na sua sucessão, convidando o Darci para ser candidato.

“Fui eu que convidei o Darci para ser candidato, eu falei pra ele que se os Fiorini quiser ter um Prefeito, ele seria o nome<sup>37</sup>.”

No PMDB, a definição dos nomes não foi novamente tranquila. Havia dúvidas sobre o lançamento de uma ou duas chapas para concorrer. Eles já sabiam que PDS sairia com duas. Os nomes mais fortes eram o Ireneo Matte e o Remi Stroehner. A dúvida de lançar duas chapas recaía na falta de nomes com maior densidade eleitoral para disputar com os pedessistas. Depois de muita discussão, o PMDB define-se por duas chapas, e são lançados Ireneo Matte e Pedro Pressotto de vice, e Remi Stroehner com Adahil da Silva de vice.

Pelo depoimento de Adahil da Silva, constata-se a dúvida do PMDB:

“Nessa eleição eu fui candidato a vice do Remi, mas eu falei que nós tínhamos largado errado. Eu achava que deveria lançar uma chapa só, o Ireneo e o Remi<sup>38</sup>.”

O PDT, que havia sido fundado em 1979, participa das eleições mais com objetivos legais, de estruturar o partido no Estado, e lança como candidatos Lorenzo Lazarotto, que era Técnico em Contabilidade

37 - Entrevista com José Wolschick Neto, op. cit.

38 - Entrevista com Adahil da Silva, op. cit.

e possuía um escritório de Contabilidade. O vice de Loreno é Arno Guth.

“(…) em 82 ninguém queria correr, mas por questões legais, para não deixar o partido morrer no Estado, nós concorremos. Foi o único do Estado de Santa Catarina que concorreu até o fim das eleições, com o PDT<sup>39</sup>.”

Com todas as candidaturas definidas, começa a “briga” pela Prefeitura, numa das eleições mais disputadas de Pinhalzinho e onde o poder econômico, pela primeira vez, realmente pesou, como diz o ex-prefeito Neto. “Esta foi a primeira eleição onde pesou mesmo o dinheiro<sup>40</sup>.”

O PMDB desta vez entrou mais confiante na disputa, mesmo sabendo que iria enfrentar candidaturas de muita força do PDS, ligadas principalmente à família Fiorini e Bugnotto.

A disputa começa a se acirrar nas últimas semanas, quando no PDS há um sentimento de que ganhariam a eleição, ficando uma dúvida apenas de que não se saberia qual das duas chapas venceria, o Darci Fiorini ou o Clênio. É nesse clima que aumenta a briga dentro do PDS, sendo em alguns momentos maior do que o próprio PMDB, como observamos a seguir:

“Talvez foi mais acirrada a campanha dentro do PDS do que com a oposição mais ou menos um mês antes do final<sup>41</sup>.”

“Na última semana a disputa era maior dentro do próprio PDS do que com o PMDB, pelo fato de ser visível a vitória do PDS, ficando a dúvida de quem seria o vencedor. Se a eleição durasse mais duas semanas, o PDS poderia perder a eleição, devido essa disputa entre o

39 - Entrevista com Loreno Lazarotto, no dia 23/10/94, Pinhalzinho-SC.

40 - Entrevista com o ex-prefeito José W. Neto.

41 - Entrevista com Darci Fiorini, op. cit.

No PDS havia uma comissão central de campanha que procurava controlar os ânimos da disputa interna e manter a unidade.

“Havia uma comissão central, que apesar das divergências entre as duas candidaturas, conseguiu manter a unidade, o controle da campanha. Era uma comissão mista, das duas chapas. Talvez se durasse mais uns 15 dias a eleição, essa comissão poderia não conseguir mais o controle da situação, da disputa entre as duas chapas<sup>43</sup>.”

O PDT, sem chance nenhuma de vencer a eleição, passa a ser alvo de “ofensivas” tanto do PMDB como do PDS, conforme diz o próprio Lorenzo, que era o candidato a Prefeito:

“Durante a campanha fomos procurados pelo PMDB para retirar a candidatura a Prefeito e apoiá-los. O PDS auxiliou os candidatos a vereador do PDT com combustível, com o objetivo de nós não retirarmos a candidatura e também para obterem a maioria na Câmara, pois os votos do PDT a vereador certamente iriam pro PMDB<sup>44</sup>.”

Com o afunilamento da campanha, esquentava mais ainda a disputa dentro do PDS, ao ponto de duas pessoas do grupo do Clênio irem procurar uma das chapas do PMDB, o Remi e o Adahil, para propor um acordo, como observamos a seguir:

“Nós tava nos últimos dia da eleição, e aí o Amancio e o Licínio vieram

42 - Entrevista com José W. Neto, op. cit.

43 - Entrevista com Darci Fiorini, op. cit.

44 - Entrevista com Lorenzo Lazarotto, op. cit.

aqui em casa com a proposta de, se nós mantéssemos o Clênio na Prefeitura, eles iriam descarregar os votos do Clênio no Remi<sup>45</sup>.”

“(…) o que eles queriam era nos dividir, só por que eles estavam de briga. De noite, tarde da noite, o Pressotto veio me procurar, preocupado com a situação daquela reunião do Licínio e do Amancio. Na mesma noite, nós fomos falar com o Remi e o Adahil. Nós estávamos preocupados (…) Depois desse impasse foi acertado entre nós, porém acho que isso acabou prejudicando a nossa campanha<sup>46</sup>.”

Nos últimos dias de campanha, como podemos perceber, a disputa acirrada entre as duas chapas por parte dos pedessistas, começa a colocar em risco a perspectiva de vitória do partido, fazendo com que o PMDB surja como uma ameaça em função de seu fortalecimento.

O clímax da disputa interna do PDS acontece na contagem dos votos, no dia da eleição, quando confirmam-se as previsões de derrota do PMDB, ficando a disputa de voto a voto entre as duas chapas do PDS. Nos depoimentos a seguir, pode-se constatar o clima em que chegou as eleições, de briga, disputas, denúncias de fraudes, etc.

“Esse clima de disputa entre os candidatos do PDS, quando o PMDB não tinha mais chances, esquentou durante a contagem dos votos. O Juiz Irineu Bianchi, sentindo o clima quente, quando faltavam 6 urnas para concluir, contou pessoalmente os votos para Prefeito, evitando assim qualquer problema maior. No final da contagem, deu uma diferença de 6 votos a meu favor e houve uma tentativa de pedir recontagem, porém como o Juiz tinha contado pessoalmente as últimas 6 urnas, não foi feita a recontagem<sup>47</sup>.”

“(…) houve também boatos de que essa eleição havia sido roubada. Inclusive haviam boatos de o Juiz ter sido comprado pelo Avelino Fiorini<sup>48</sup>.”

45 - Entrevista com Adahil da Silva, op. cit.

46 - Entrevista com Ireneo Matte, op. cit.

47 - Entrevista com Darci Fiorini, op. cit.

48 - Entrevista com Ireneo Matte, op. cit.

“No dia da contagem começou as brigas do PDS entre o Clênio e o Darci Fiorini. O Juiz não deu o resultado no mesmo dia, apesar de ter sido contado as urnas. No outro dia de manhã, quando saiu o resultado total das eleições, dando a vitória ao Darci Fiorini, vieram aqui em casa o Amancio e o Darci Werlang, para que eu entrasse junto com eles com um pedido de recontagem dos votos. Eles diziam que a eleição havia sido roubada. Mas como o Clênio gastou pouco, e os Fiorini gastaram muito dinheiro, eles diziam que haveria morte se o Darci Fiorini não ganhasse a eleição. Inclusive, três anos depois, uma pessoa influente do PDS me confirmou que na realidade o Clênio teria ganhado a eleição por 3 votos<sup>49</sup>.”

Depois de toda essa confusão, o candidato do PMDB, Ireneo Matte, não aceita a recontagem, alegando que esta seria uma briga do PDS.

O resultado final e oficial das eleições é mantido, e o Prefeito eleito é Darci Fiorini, que vence por uma diferença de 6 votos sobre seu colega de partido, Clênio Razera. O candidato do PMDB, Ireneo Matte, é o mais votado de todos, porém perdeu a eleição na sub-legenda para o PDS, pelo fato da outra chapa do Remi-Adahil ter feito menos votos que o previsto.

Assim, encerram-se as eleições de 1982, como a mais polêmica de Pinhalzinho, deixando sérias seqüelas dentro das duas alas do PDS.

Nas eleições para vereadores de 1982, os pedessistas também conseguem a maioria, elegendo cinco vereadores (Roque Oberher, Terezinha Belina De Souza, Vitélio Fiorini, Valdemar Antonio Schmitz e Valter Délio Hohn) e o PMDB quatro (Darci Simon, Theobaldo Luersen Filho, Astelio Bugs e Ermínio Baumbach). Nessa eleição o número de cadeiras da Câmara passou de 7 para 9<sup>50</sup>.

### 3.6. A eleição de 88

---

49 - Idem.

50 - Ata da Câmara de Vereadores de Pinhalzinho.



Depois da eleição disputada de 1982, o PDS teve sérias dificuldades para contornar as brigas ocorridas e tentar manter o partido unido, como afirma o ex-prefeito Darci Fiorini:

“O clima depois das eleições (82) eu consegui controlar, por que o próprio pessoal que trabalhava na Prefeitura tinha apoiado o Clênio, mas foi acertado as divergências. Ninguém foi mandado embora<sup>51</sup>.”

Assim, para evitar um racha no PDS, o Darci Fiorini assume a Prefeitura em 1983 e se compromete de trabalhar o nome do Clênio, durante a sua gestão, como o provável candidato para as próximas eleições municipais.

“Visto que a ala perdedora do Clênio havia saído um pouco com divergências, depois da eleição de 82, foi trabalhado em cima do nome do Clênio, para tentar manter o partido unido. Durante todo o meu mandato, foi trabalhado em cima do nome do Clênio...<sup>52</sup>”

O PDS, portanto, no final do mandato do Darci Fiorini, no ano de 1988, estava com o nome do seu candidato a prefeito praticamente definido, conforme acordo citado anteriormente. Esse nome era o Clênio Razera, que havia perdido a eleição em 1982 para o Darci Fiorini.

“O nome do Clênio já estava mais ou menos certo, e aí o partido se reuniu para a escolha do vice, que por unanimidade, foi escolhido o Sérgio Bugnotto para compor a chapa com o Clênio<sup>53</sup>.”

---

51 - Entrevista com Darci Fiorini, op. cit.

52 - Idem.

53 - Idem

Mesmo com todos os problemas enfrentados na eleição anterior, o PDS consegue se manter unido e lança como candidatos, o Clênio Razera para prefeito e de vice o industrial Sérgio Bugnotto, que fazia parte do grupo que havia apoiado o Darci Fiorini, ficando assim as duas alas do PDS representadas. Nessa eleição não havia mais a sub-legenda para candidaturas de Prefeito.

Um fato político novo que ocorre na gestão do Darci Fiorini, é a fundação, no ano de 1986, de mais dois novos partidos políticos em Pinhalzinho. O PT (Partido dos Trabalhadores) e o PFL (Partido da Frente Liberal).

O PFL foi fundado em Pinhalzinho, no ano de 1986, tendo como pioneiros, Jorge Francisco da Silva, Willibaldo Ertel, João Muxfeldt e Arno Bremm. O primeiro Presidente provisório foi Willibaldo Ertel. Faziam ainda parte dos fundadores do PFL, Silvio Mocelin, Gabriel Kempka, Anita Aimi, Pedro Biesdorf, Livo Francisco da Silva e Leocádia Stefani<sup>54</sup>.

O PT conseguiu alguns resultados significativos em 1985, no extremo-oeste catarinense, nos municípios que eram considerados Zonas de Segurança Nacional, onde houvera eleições para Prefeito. Entre esses municípios estavam: Itapiranga, Descanso e São Miguel do Oeste. Isto motivou o PT do Estado a trabalhar na organização do partido no oeste. Em Saudades, o partido já existia em 1985, o que incentivou a fundação em Pinhalzinho, no ano de 1986. Teve influência também a participação dos estudantes Dirceu Johann e Idir Canzi, conforme depoimento a seguir:

“Eu era filiado ao PT de Santa Maria-RS, onde estava estudando até a metade de 1986, e junto também com o Idir Canzi, que estudava em Passo Fundo, ajudamos a dinamizar a idéia de fundação do PT em Pinhalzinho<sup>55</sup>.”

54 - Entrevista com Anita Aimi no dia 05/11/94, Pinhalzinho - SC.

55 - Entrevista com Dirceu Johann, no dia 07/12/94, Pinhalzinho-SC.

Segundo Dirceu Johann, quem tomou a frente para a fundação do PT em Pinhalzinho foram os sindicalistas dos agricultores, a Pastoral da Juventude e alguns do Movimento Sem Terra, nas pessoas de Rainério Canzi, Armando Malmann, José Celso Johann, Armelindo Trentin, Antonio Fussieger, Elio Fussieger e Elton Schneider. O PT foi fundado em janeiro de 1986, tendo como primeiro Presidente provisório, Rainério Canzi<sup>56</sup>.

Com a criação de novos partidos, as negociações para formação de candidaturas passam a ser mais ampliadas, pois já haviam na época, além do PDS e PMDB, o PDT, o PT e o PFL.

O PFL, que era formado na sua maioria de ex-pedessistas, estava meio dividido quanto a coligações com o PDS ou até com o PMDB e PDT.

O PT, que possuía uma política de não coligação com os chamados partidos “tradicionais” (PDS, PFL e PMDB) e estava trabalhando para a sua estruturação em Pinhalzinho, vai em direção do lançamento de chapa própria.

O PDT trabalhava na perspectiva de uma coligação das oposições, em que o parceiro preferencial seria o PMDB.

O PMDB, principal partido da oposição em Pinhalzinho, começava agora a enfrentar um problema a mais dos que já possuía, pois com o surgimento do PT e PDT (já havia participado na eleição anterior para prefeito), ficava mais difícil derrotar o PDS, haja vista que esses três partidos dividiam, principalmente, o eleitorado da oposição.

O PMDB novamente carecia de nomes para disputar as eleições, e na hora da escolha apareciam geralmente as mesmas lideranças, como prováveis candidatos, o que até certo ponto desgastava o partido. Os nomes que surgem em 88 são os de Paulo Germano, Ireno Matte, Remi Stroher e Beno Sander. Aparecem, assim, dois novos nomes na lista. O primeiro, Paulo Germano, era funcionário do Banco do Brasil e apesar de ser “novo” no município, é uma liderança muito respeitada e surge como nome forte para Prefeito. O segundo, Beno Sander,

---

56 - Idem.

Engenheiro civil, também era uma liderança mais nova do PMDB, que tinha vindo morar em Pinhalzinho em 81, e estava sendo cotado para candidato a vice-prefeito.

A questão de ser “novo” na cidade era levada em consideração pelos partidos e também pela própria população. Esse motivo foi um obstáculo a ser vencido pelo candidato do PMDB Paulo Germano, e que o prejudicou, como podemos ver nas declarações a seguir:

“Tinha uma ala que dizia que eu fosse candidato a Prefeito, pelo fato do Paulo Germano ser novo na cidade. Essa reunião para a escolha dos nomes foi na casa do Dr. Nelso. Havia umas 40 pessoas presentes, e aí foi definido o nome do Paulo Germano para Prefeito e o meu para vice, pelo Diretório do PMDB<sup>57</sup>.”

Houve uma tentativa de coligação do PMDB com o PDT, onde o PDT sugeria o nome de Algacir Dall Agnol, conhecido como “Nanico”, para ocupar a vaga de vice-prefeito, o que não acabou se concretizando, devido às exigências do PDT e também por causa de alguns setores do PMDB não abrirem mão da vaga de vice, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

“(…) com o PDT, houve problemas por questões de vantagens e compromissos que eles queriam. E daí concorremos com chapa pura, e deu no que deu<sup>58</sup>.”

“Foi acertado aqui em casa, que o PDT teria o candidato a vice do PMDB, cujo candidato era o Paulo Germano. Passamos um domingo das 6 h da manhã até as 9 h da noite, onde ficou acertado a coligação. Inclusive havia pessoas do PFL, a Anita Aimi e o Willibaldo Ertel. O Ireno pediu uma pausa para descanso e as 10 h da noite, fomos na casa do Ireno pra fazer a documentação legal, e aí o Ireno resolveu não mais

---

57 - Entrevista com Ireno Matte.

58 - Idem.

retirar a candidatura, e aí queriam que nós participássemos na coligação, sem indicar o vice. Como nós não queríamos só empurrar a máquina deles, o PDT lançou candidatura própria<sup>59</sup>.”

Depois dessa tentativa frustrada, o PDT procurou o PT, através da pessoa de Tarcisio Wolf, “mas ele consultou o seu diretório, que não aceitou”<sup>60</sup> por ser quase no final da campanha.

O PDT foi procurado também pelo PFL para fazer uma coligação, mas não aceitou, como constatamos na declaração de Loreno:

“Nós fomos procurados também pelo PFL, através da pessoa do Darci Werlang, para propor uma coligação, mas o Diretório do PDT não aceitou, sob a alegação que a jogada política deles era dividir o eleitorado da oposição, ou retirar a candidatura próximo das eleições e deixar o PDT na mão, e apoiar o candidato do PDS, o Clênio<sup>61</sup>.”

Assim, depois de todas as propostas, o PDT acaba saindo com Loreno Lazarotto para Prefeito e Algacir Dallagnol de vice em chapa própria.

O PT, como já havia comentado anteriormente, decide-se também em lançar candidatura própria. Antes da definição de nomes, o partido fez reuniões no interior e na cidade para discutir a sua proposta de governo.

“(…) baseado neste programa, o PT começou a discutir nomes para concorrer. A princípio, eu iria concorrer a vereador, e o candidato a Prefeito seria o companheiro Tarcisio Wolf. Foi também indicado o nome de Rainério Canzi, e candidato a vice, tinha sido indicada Jacinta Floss Canzi, por representar a organização das mulheres, e o setor

---

59 - Entrevista com Loreno Lazarotto, op. cit.

60 - Idem.

61 - Idem.

agrícola. Nas discussões finais para a definição dos nomes, foi definido o meu nome para candidato a Prefeito e a vice a companheira Jacinta Canzi<sup>62</sup>.”

O candidato do PT, Olinto, tinha vindo para Pinhalzinho em 85 e exercia a função de professor de Educação Física, pelo Estado, participando ativamente nas lutas reivindicatórias dos professores, através da Associação dos Professores de Pinhalzinho.

O PFL foi o único partido que não lançou candidato a Prefeito e nem se coligou, deixando os seus filiados livres, como afirma Anita Aimi:

“O PFL correu só para vereador, não participou de coligação a Prefeito. Para Prefeito foi deixado livre, pois houve uma divisão, onde um grupo apoiava o Clênio e outro o Paulo Germano<sup>63</sup>.”

O PMDB, depois dessas divisões da oposição, passa a ser o maior prejudicado, ficando mais difícil a possibilidade dele derrotar o PDS, que estava com a chapa formada e fortalecida. Com a definição do Paulo Germano como candidato a Prefeito e do Ireneo de vice, começa o esforço do PMDB em apresentar o seu candidato, haja vista que era uma pessoa ainda não muito conhecida, principalmente no interior do município.

“Quando fomos pra campanha, tivemos dificuldades para fazer deslanchar a campanha. Demorou uns 40 dias. Eu era conhecido por todos, e tinha que dizer pro pessoal, que me pedia, quem era o Paulo. Trabalha no banco, mas era difícil de explicar para os colonos e pros bairros, que o Banco cobrava juros altos, e o Paulo também iria cobrar

---

62 - Entrevista do autor com Olinto C. Strazzabosco, no dia 23/10/94, Pinhalzinho-SC.

63 - Entrevista com Anita Aimi, op. cit.

altos impostos. O PT e o PDS usavam isso<sup>64</sup>.”

Um dos fatos que prejudicou a campanha do PMDB e o nome de seu vice, Ireno, foi a questão da greve dos colonos em frente ao Banco do Brasil. Para Ireno a culpa seria do PDS e do PT, por “(...) terem criado aquele boato de que eu teria chamado a Polícia de São Miguel para tirar os colonos que estavam na frente do Banco do Brasil em greve<sup>65</sup>.”

Assim, entre esses problemas, e o fato de as oposições saírem divididas, fez com que o PMDB fosse novamente derrotado.

O PDS, sabendo da dificuldade do PMDB em fazer o seu candidato tornar-se conhecido, insistiu no fato dele ser uma pessoa nova no município, ter vindo há pouco tempo para Pinhalzinho e ser, portanto, “de fora”. O próprio lema da campanha do PDS deixava claro isso, pois dizia que os seus candidatos eram “gente nossa”.

Encerradas as eleições, é vencedor o PDS, através da chapa Clênio-Sergio Bugnotto com 2471 votos, 371 a mais que o segundo colocado que foi o PMDB (Paulo Germano-Ireno). Através desses números, conforme podemos ver na Tabela 1 anexa, pode-se constatar que, em caso de coligações das oposições, o PDS poderia perder o poder no município. Esta passa a ser uma discussão séria dentro dos partidos de oposição, a partir dessa eleição.

Nas eleições para vereadores, a situação é semelhante, ou seja, o PDS consegue a maioria da Câmara, elegendo cinco vereadores (Licínio Constante, Jaime Batisti, Luiz Henz, Claudio Pedro Utzig e Homério José de Souza) e o PMDB elege quatro vereadores (Gilmar Morello, Theobaldo Luersen Filho, Tadeu Souza Rodrigues e Mauro Luiz Sachet)<sup>66</sup>.

O PFL teve um dos vereadores mais votados do município (Darci Werlang), que não se elegeu por falta de legenda. O mesmo ocorre

64 - Entrevista com Ireno Matte, op. cit.

65 - Idem.

66 - Ata da Câmara de Vereadores de Pinhalzinho.

com o PT e o PDT que não conseguiram eleger vereador por não atingirem a legenda necessária, faltando poucos votos. Com essas combinações, o PDS é favorecido e mantém a maioria na Câmara de Vereadores.

### *3.7. A vitória da oposição em 92*

Após as eleições de 1988, em que as oposições disputaram divididas, e a vitória do PDS não foi por uma grande diferença de votos, começa a surgir a idéia entre as oposições, da formação de uma coligação, como sendo a única forma de derrotar os pedessistas, que já estavam no quarto mandato consecutivo no poder.

O PMDB inicia uma reestruturação da sua direção, após o pedido formal de renúncia do então presidente do partido Ireno Matte, logo após as eleições de 88, que sentiu-se magoado, pelo fato de existirem insinuações, por parte dos peemedebistas, de que ele teria sido o principal culpado pela derrota, conforme afirma o vereador Mauro Sachet:

“O Ireno Matte estava meio magoado com o PMDB, pelo fato de algumas pessoas dizerem que ele teria sido o culpado nas eleições de 88, e formaliza o seu pedido de renúncia da Presidência do PMDB, que é aceita pela executiva e pela Bancada do PMDB<sup>67</sup>.”

Com a renúncia do Ireno, o PMDB elege como novo Presidente Beno Sander e para secretário Paulo Germano.

A partir dessa nova executiva do PMDB, segundo Sachet, “... é que começa a se materializar a idéia de efetuar uma coligação no próximo pleito municipal.”<sup>68</sup>

---

67 - Entrevista com Mauro Sachet, no dia 07/12/94, Pinhalzinho-SC.

68 - Idem.



Na Câmara de Vereadores, é iniciado um trabalho forte de oposição do PMDB, sendo liderado principalmente pelo Vereador Mauro Sachet.

“... respaldada pelo Partido dos Trabalhadores, através de sua militância, mesmo não tendo vereador na Câmara. O PT era um dos responsáveis pela divulgação desse trabalho de oposição crítica, junto à sociedade, com o apoio também das bases do PMDB e PDT<sup>69</sup>.”

A aproximação do PMDB com o PT e o PDT começou a criar corpo durante o segundo turno das eleições Presidenciais de 1989, quando a maioria do PMDB e PDT apoiara a candidatura LULA, o que pode ser comprovado no depoimento de Olinto, que tinha sido candidato a Prefeito pelo PT nas eleições de 1988.

“... para a formação de uma Frente Popular em Pinhalzinho, começou a ser estabelecido pequenos contatos entre algumas lideranças do PT, PDT e PMDB no final de 89, durante o segundo turno das eleições Presidenciais e prosseguiu nos anos de 90 e 91<sup>70</sup>.”

Após as eleições Presidenciais, num acidente de automóvel, morre Paulo Germano, que era uma das principais lideranças do PMDB e um dos articuladores da organização da oposição.

“... com a morte do Paulo Germano, o PMDB fica meio abalado, por ter perdido sua maior liderança no momento, e tido como provável candidato das oposições para 92<sup>71</sup>.”

69 - Idem.

70. Entrevista com Olinto Strazzabosco, op. cit.

71 - Entrevista com Mauro Sachet, op. cit.

No PT, a partir do início de 92, as discussões sobre a participação de uma coligação juntamente com o PMDB começam a se dar de forma mais oficial, haja vista que nas resoluções partidárias, a nível Estadual e Nacional, haviam restrições com relação à coligação com o PMDB. Essas discussões, como afirma Olinto, "...seriam definidas no Encontro Estadual do PT, o qual é a instância máxima do partido que delibera sobre alianças<sup>72</sup>."

Nas definições de nomes, o PT decide-se por Olinto Strazzabosco, enquanto que o PDT escolhe o nome de José Wolschick Neto, que já tinha sido Prefeito de Pinhalzinho de 80 a 82, então no PDS.

Pelo PMDB, o nome de consenso do partido era Remi Ströher, e que tinha a aceitação em todos os partidos da oposição, mas que estava relutando em aceitar, alegando problemas profissionais de administração de suas empresas, além de questões familiares. Depois de muita insistência, principalmente dos setores que queriam a coligação, tanto do PMDB como dos outros partidos, Remi acaba aceitando a indicação de seu nome para candidato a Prefeito. Com a definição do candidato a Prefeito da Frente de oposições, o problema passa a ser a disputa para a vaga de vice-prefeito, pleiteada pelo PT e PDT. Após muitas discussões, onde é pesada a maior força eleitoral e, principalmente, a organização e militância do partido, os petistas conseguem garantir a vaga de vice-prefeito. É assinado, então, um acordo entre os partidos, em que o PDT teria o direito de escolher uma Secretaria, conforme constatamos no depoimento a seguir:

"Houve problemas com relação ao vice, pelo fato do PT e PDT disputarem a vaga. Alguns setores do PMDB queriam a coligação, porém com os dois nomes do PMDB. Acabou prevalecendo a indicação do PT, e o PDT teria o direito de escolher a Secretaria, através de um protocolo de compromissos, assinado pelos quatro partidos (PMDB, PT, PDT, PSDB)<sup>73</sup>."

---

72 - Entrevista com Olinto Strazzabosco, op. cit.

73 - Entrevista com Mauro Sachet, op. cit.

O PSDB, que foi fundado em Pinhalzinho no ano de 90, tendo como primeiro Presidente provisório Elemar Zanella, vem se juntar na frente de oposições, durante essas discussões.

Com a definição de que o PT indicaria o vice, não está terminada a discussão, pois a partir da escolha de Olinto Strazzabosco pelo partido, surgem algumas restrições a seu nome, principalmente no PMDB, como afirma o próprio Olinto:

“O Sr. Remi, indicado como candidato a Prefeito, tinha dúvidas se o meu nome não prejudicaria a campanha da Frente, alegando que, por ter sido um líder sindical, a favor das greves, ocupações de terra, poderia atrapalhar a campanha, já que os adversários iam utilizar isso como argumento negativo contra a Frente<sup>74</sup>.”

O PT então coloca mais nomes para negociar com a Frente, que são Alvisio Ely e Waldir Floss, porém o nome preferencial no partido continua sendo o Olinto.

“Devido a esse impasse, quanto a escolha do nome do PT, foi feita uma viagem a Rio do Sul, com a presença de Remi, Egidio Rossett, Olinto, Genésio, Erol Dal Piva, Mauro Sachet, Cassol e Waldir Floss, onde o PT a nível Estadual defendeu que o candidato deveria ser eu, já que era o nome que melhor representava o partido naquele momento<sup>75</sup>.”

Mais tarde, no encontro Estadual do partido, foi aprovada a participação do PT em Pinhalzinho, numa coligação junto com o PMDB, desde que fizesse parte da chapa majoritária. A partir destes acontecimentos, o PT de Pinhalzinho reforça o seu apoio ao nome do Olinto como candidato a vice, que depois de mais alguns dias é aceito

---

74 - Entrevista com Olinto Strazzabosco, op. cit.

75 - Idem.

e homologado pelas convenções partidárias.

Nesse momento final do fechamento das candidaturas, foi importante para a formação da Frente das Oposições a articulação da executiva do PMDB, como afirma Sachet:

“o trabalho realizado por mim, a Erica Breuning, o Erol Dal Piva, o Beno Sander e demais pessoas que representavam a ala ‘progressista’ do PMDB, que conseguiram fazer com que o partido aceitasse a coligação e depois também o nome do Olinto<sup>(76)</sup>.”

Após um longo período de discussões entre os partidos, a oposição de Pinhalzinho consegue finalmente se unir e formar uma coligação, com Remi João Ströher (PMDB) para Prefeito e Olinto Cristiano Strazzabosco (PT) de vice, que leva o nome de *FRENTE POR UM NOVO PINHALZINHO*. Esta Frente, formada pelo PMDB, PT, PDT e PSDB, entra fortalecida na disputa.

No PDS, as articulações para as eleições de 92 não estavam tão tranqüilas como em anos anteriores. Pesava contra eles o fato de já estarem no poder há 20 anos, que de uma forma ou outra acaba desgastando o partido. Havia outro problema, que era a não aceitação popular da administração do Clênio, havendo restrições até de pessoas do seu partido, como podemos confirmar nas entrevistas a seguir, entre elas do candidato dos pedessistas, na ocasião, Darci Fiorini.

“Um dos motivos dessa grande diferença de votos com a Frente, foi a questão da aceitação não muito boa da administração do Clênio e as calúnias e armadilhas, que conseguiram, através disto, influenciar negativamente sobre o meu nome e o resultado da eleição<sup>77</sup>.”

“Nessa última eleição, o PDS não tinha candidato para ganhar, e aí o

76 - Entrevista com Mauro Sachet, op. cit.

77 - Entrevista com Darci Fiorini, op. cit.

povo não votou. O Clênio era muito parado, até alguns companheiros não gostavam dele<sup>78</sup>.”

As denúncias que a oposição estava fazendo sobre as suspeitas de envolvimento das principais lideranças políticas do PDS, em atos ilícitos, que teriam sido realizados nas administrações do Clênio e do Darci Fiorini, sendo o último o mais cotado para candidato a Prefeito, acabou prejudicando o partido. Mas, mesmo com esses problemas, o PDS articula-se para as definições de nomes para concorrer e o nome mais forte do partido é o de Darci Fiorini.

“Nessa eleição todo o partido, inclusive as pesquisas, indicavam o meu nome como o candidato preferencial. Eu não queria mais ser candidato, queria deixar a oportunidade para outro, mas com a insistência do partido e das lideranças da cidade e do interior, acabei aceitando<sup>79</sup>.”

Com a definição do nome de Fiorini para prefeito, inicia-se a discussão para a escolha do vice, onde havia vários nomes e, através de uma pesquisa, é escolhido Paulo Junqueira da Silva.

“A escolha do vice, havia diversos nomes que surgiram, até dispostos a concorrer, e aí o partido decidiu fazer uma pesquisa de opinião pública, para saber qual era o candidato de maior aceitação. E aí surgiu em primeiro lugar o Paulo Junqueira da Silva<sup>80</sup>.”

Como já havia ocorrido em eleições anteriores, o partido escolhe dois ex-prefeitos de candidatos, formando uma chapa de muita experiência.

---

78 - Entrevista com Guilherme E. Werlang, op. cit.

79 - Entrevista com Darci Fiorini, op. cit.

80- Idem.

O PFL resolveu apoiar o PDS, por decisão unânime do partido, coligando-se também para a Câmara de Vereadores. O mesmo ocorre com o PRN.

O Partido da Reconstrução Nacional, foi fundado no final de 89, em Pinhalzinho, após a eleição de Collor para a Presidência e teve como primeiro Presidente provisório Anselmo da Cunha. A maioria era de uma dissidência do PDS e tinha entre seus fundadores as seguintes lideranças: Arnildo Bach (um dos idealizadores), Terezinha Belina de Souza, Neri Frozza, Theobaldo Luersen Filho, Elmo José Lehnem, Milton Bitdinger e outros.<sup>81</sup> Na eleição de 92, o PRN coliga-se com o PDS e junto com o PFL formam a **UNIÃO POR PINHALZINHO**.

Com as duas chapas concorrentes formadas, inicia-se a campanha da conquista do voto, e após muitos anos, temos novamente uma eleição entre duas chapas, sendo uma da situação (PDS, PFL e PRN) e outra da oposição (PMDB, PT, PDT e PSDB).

Dessa vez, após terem conseguido juntar-se, e também pelo próprio sentimento ou “onda” de mudança que havia na população (influenciada também pela situação nacional do IMPEACHMENT de Collor), as oposições conseguem, depois de 20 anos, vencer as eleições e acabar com a hegemonia do PDS. Entre os fatores da vitória destacam-se ainda: a coligação entre os partidos de oposição, a participação das bases eleitorais dos partidos na campanha às denúncias, envolvendo as lideranças do PDS. Ressalta-se também a oposição do PMDB na Câmara de Vereadores, a partir de 88, de uma forma mais organizada, junto com a utilização de um espaço alternativo de imprensa, através do Jornal “O Arauto” e com o apoio dos demais partidos de oposição.

A vitória oposicionista foi tão significativa que nem suas lideranças acreditavam numa diferença tão grande de votos (1766), como podemos observar na Tabela 2, anexa.

Na Câmara de Vereadores também concretizou-se a grande vitória da oposição, pois a “Frente” conseguiu eleger seis vereadores (Mauro Sachet, Gilmar Morello, Ireneo Matte, Dirceu Cuochinski, Armelindo

---

81 - Entrevista com Iraci Strapasson, no dia 05/11/94, Pinhalzinho-SC.

Trentin e Wilson Albino Zitta ) e a “União” elegeu três (Jaime Batistti, Regis Bugnotto e Arno Aloisio Zwirtz). Dos vereadores da oposição apenas Armelindo Trentin se elege pelo PT, sendo os demais do PMDB, isso comprova a hegemonia do mesmo dentro da Frente. Na “União por Pinhalzinho”, os três vereadores eleitos são do PDS<sup>82</sup>.

### **Considerações Finais**

Constatamos que no começo da vida política administrativa de Pinhalzinho, as forças políticas existentes eram quase na sua totalidade compostas por partidos políticos “tradicionais”, de tendência conservadora, que eram hegemônicos no ano de 1962. Além disso, as principais lideranças faziam parte dos primeiros colonizadores, sendo na sua maioria descendentes de alemães, que chegaram primeiro na região. A partir da eleição de 72, novas lideranças surgem, e esse quadro se altera.

A articulação entre o poder local e estadual pode ser percebida na nomeação do primeiro Prefeito provisório, no qual o PSD demonstra a sua força e procura manter a hegemonia. Há também uma certa articulação entre o poder local e regional, quando do apoio de lideranças de Chapecó e região nas campanhas municipais.

As disputas pelo poder local não estão desconectadas do contexto estadual e nacional. Observa-se que no período após o golpe militar de 64, com o advento do bipartidarismo, em 1965 ocorre uma acomodação das forças políticas pinhalenses, talvez por conveniência, na sua totalidade na ARENA (a nível de vereadores e Prefeito).

Por outro lado percebe-se que enquanto as forças políticas situacionistas e hegemônicas (PSD, UDN e depois ARENA) conseguiram se “entender”, como na nomeação do Prefeito provisório em 1961, e na primeira eleição, com candidato único em 62, e essas forças políticas se mantêm no poder. A derrota na eleição de 68 para o MDB, se deu mais em função das divergências internas da ARENA, do que da organização dos emedebistas.

---

82 - Boletim Informativo da Prefeitura Municipal de Pinhalzinho, 1994, op. cit.

Havia dentro das forças políticas hegemônicas e situacionistas de Pinhalzinho, conflitos internos, representados por “grupos” ou famílias lideradas por setores mais antigos (entre eles Jorge Francisco da Silva) e um outro mais ligado a família Fiorini, principalmente. Esses desentendimentos se evidenciaram nas eleições de 1968, resultando na perda do poder administrativo local, por parte dos pedessistas.

Por sua vez, o surgimento da oposição em Pinhalzinho, através do MDB, não se dá tanto em função de questões ideológicas e sim, em contraposição aos grupos políticos dominantes, que eram liderados por famílias que também detinham o poder econômico.

A oposição em Pinhalzinho, liderada pelo MDB e depois pelo PMDB, começa a se fortalecer em 82 e 88, justamente no momento em que surgem novos partidos políticos, como é o caso do PDT e PT, que dividiam o eleitorado oposicionista. Estes dois partidos trazem um conteúdo ideológico para a oposição, principalmente o PT. O PDT surgiu mais em função de lideranças simpatizantes do “Brizolismo”.

A disposição de tirar o PDS (antes ARENA) do cenário político, que completava 20 anos no poder, foi o principal motivo que fez com que os partidos de oposição, em Pinhalzinho, acertassem algumas divergências e conseguissem formar uma coligação, que foi a principal responsável pela vitória oposicionista nas eleições municipais em 1992.

## Referências Bibliográficas

- CARREIRÃO, Yan de Souza. **Eleições e sistemas partidários (1945-1979)**. Florianópolis : UFSC.
- CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti. **Poder e partidos políticos em uma cidade média brasileira**. Tese de doutorado. São Paulo : USP, 1986.
- Dados Históricos do Município de Pinhalzinho. Publicação da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto. Pinhalzinho, 31 de maio de 1994.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **Como não ser enganado nas eleições**. São Paulo : Ática, 1994.



- DINIZ, Eli. **Crise política, eleições e dinâmica partidária no Brasil : um balanço histórico**, in DADOS. Rio de Janeiro : ....., v. 32, n. 3, p. 323 a 40, 1989.
- DROULERS, Martine. **Emprego público e clientelismo**. Sociedade e Estado. Brasília : ....., v. 4, p. 126-44, 1989.
- HASS, Monica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense : um estudo de poder local - 1945 a 1965**. Florianópolis : UFSC, 1993. Dissertação de Mestrado.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo : Alfa-Ômega, 1986.
- LENZI, Carlos Alberto Silveira. **Poder político e mudança social**. (Estudo sobre poder político oligárquico no município de Lages-SC). Florianópolis : UFSC.
- \_\_\_\_\_. **Partidos e políticos de Santa Catarina**. Florianópolis : UFSC, 1983.
- NUNES, Edison. **Introducción, democratización en ciudades de porte medio en América Latina**. São Paulo : CEDEC, 1990.
- PALMEIRA, Moacir. **Política facção e compromisso : alguns significados do voto**. Salvador, 1989.
- SANTOS, Ana Paula Balthazar dos. **Abordagens teóricas sobre clientelismo**. Florianópolis : UFSC, 1991.
- WERLANG, Alceu. **Companhias colonizadoras e a luta pela terra**. Cadernos do CEOM, nº 9. Chapecó : UNOESC, 1995.

# ANEXOS

## TABELA 1

**CÂMARA DE VEREADORES (Número de Cadeiras Conquistadas)**

ANO	UDN	PSD	PRP	ARENA	MDB	PDS	PMDB	PT
1963	4	2	1	-	-	-	-	-
1976	-	-	-	6	1	-	-	-
1970	-	-	-	7	-	-	-	-
1973	-	-	-	5	2	-	-	-
1977	-	-	-	5	2	-	-	-
1983*	-	-	-	-	-	5	4	-
1989	-	-	-	-	-	5	4	-
1993	-	-	-	-	-	3	5	1

\* Neste ano o número de cadeiras foi aumentado de 7 para 9 cadeiras.

Fonte: Câmara de Vereadores de Pinhalzinho.

TABELA 2

Aqui

## RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA PREFEITO - PINHALZINHO

ANO	CANDIDATOS	VOTOS	ELEITO	PARTIDO
1961	- Guilherme E. Werlang	-	Edgar	PSD
1962	- José Bruno Weber	-	Bruno	PSD
1968	- Gabriel Schaff(MDB) - Lori da Silva (ARENA)	1.059 -	Gabriel	MDB
1972	- Paulo Junqueira da Silva (ARENA)	-	Paulo	ARENA
1976	- Neuro B. (ARENA) - A. Grando (ARENA) - Ireneo M. (MDB) - A. Deufel (MDB)	- - - -	Neuro	ARENA
1982	- Darci F. (PDS) - Clênio R. (PDS) - Ireneo M. (PMDB) - Remi S. (PMDB) - Lorenzo L. (PDT)	1.339 1.333 1.409 1.024 83	Darci	PDS
1988	- Clênio R. (PDS) - P. Germano (PMDB) - Olinto S. (PT) - Lorenzo L. (PDT)	2.471 2.100 392 301	Clênio	PDS
1992	- Remi (PMDB,PT,PDT,PSDB) -Darci (PDS,PFL,PRN)	4.097 -	Remi	PMDB,PT PDT,PSDB